

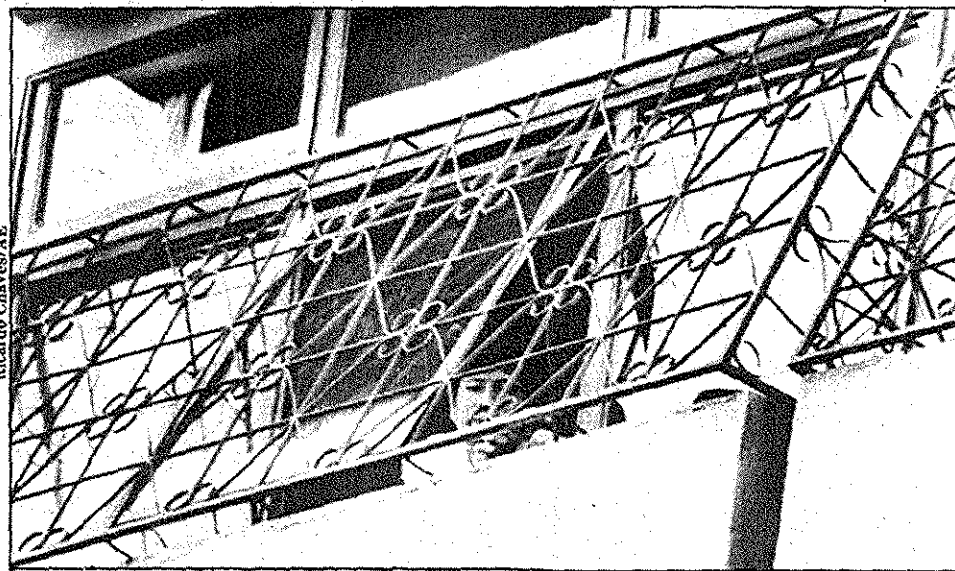
190

O avá-canoeiro
e sua difícil aprendizagem
na civilização

Trapalhadas de um índio na cidade grande

Ele é provavelmente um dos 11 remanescentes da tribo Avá Canoeiro. Vestindo saia e blusa e flechando porcos, o índio apareceu há três semanas no pequeno povoado de Angical I, no oeste baiano, e foi resgatado pelo sertanista Sidney Possuelo, na última sexta-feira. Há três dias em Brasília, até agora lá ninguém sabe o seu nome — apenas que fala um Tupi arcaico e que, realmente, antes nunca havia tido contato de perto com o chamado mundo civilizado. **Avá**, como está sendo chamado, enfrenta agora a dura realidade de adaptação numa cidade moderna: toma o elevador, aprende aos poucos que não deve cuspir no chão e pelas janelas, mas só consegue fazer suas necessidades no cerrado.

Demonstrando a mesma desorientação e despreparo do homem branco quando colocado diante do desafio de sobreviver na floresta, **Avá** aprende com dificuldade as regras da vida urbana. Possuelo preferiu hospedá-lo em seu apartamento, no bairro da Asa Norte de Brasília, receoso de deixá-lo na Casa do Índio mantida pela Funai. Ontem, foi feito um contato entre o índio e duas mulheres Avá Canoeiro, que vivem na região de Serra da Mesa, norte de Goiás. Mas os três não se entenderam. Os índios



O índio em apartamento: como se fosse uma prisão.

falaram cada um em sua língua, mas só algumas palavras pareciam comuns.

Enquanto aguarda uma definição sobre o seu destino, **Avá** vai aos poucos conhecendo a capital do País. Já esteve no Jardim Zoológico, mas os únicos animais que chamaram a sua atenção foram o elefante e o hipopótamo — este último até fez o índio rir à vontade, quando saía da água escancarando a boca. Ele também analisou séria e longamente um imenso jacaré do Araguaia.

Possuelo admite que o contato com o branco é sempre "uma situação traumática para o índio", mesmo no caso de **Avá**, que há meses, ou até anos, deve ter perambulado pelo Norte goiano, evitando as fazendas e estradas. Na semana passada, **Avá** parecia à vontade na casa da família de agricultores

onde ficou durante três semanas. Ele já corria pelo povoado com as crianças e nem mais exigia que o dono da casa provasse antes toda a comida que lhe era oferecida.

Colocado no carro do sertanista, no qual viajou durante seis horas até Brasília, onde está fazendo exames médicos, **Avá** deixou claro a insegurança, olhando todo o tempo para o sol e a mata na tentativa de se orientar. Sidney Possuelo chegou a temer que, em alguma parada, o

índio fugisse, pois não havia como lhe explicar a viagem. Ainda na sexta-feira, **Avá** enfrentou as câmaras de televisão, segurando o tempo todo a mão do sertanista.

Possuelo não se queixa da confusão em que se transformou o seu apartamento nos últimos três dias: comida pelo chão, o ritual do banho — que o próprio sertanista dá, no estreito box — e as saídas até o cerrado com o índio.

Hoje ele segue para Goiânia, onde será feita uma nova tentativa de contato com dois homens Avá Canoeiros. Possuelo acredita que, por serem menos tímidos que as mulheres, será mais fácil pesquisar e chegar a uma conclusão sobre sua etnia.

Eliana Lucena/AE

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal da Tardade*

Data: 01.11.88

Class.: 121

Pg.: _____